

## Xeque ao Rei

20:34

Já são 20h34, já é sábado, já estamos no dia 7 de julho, estou a ficar sem tempo... (...) Antes do xeque-mate, tenho de fazer mais um xeque ao Rei. Eu vou ganhar este jogo de Xadrez! Eu vou ganhar à Inteligência Artificial! Vou provar que a merda do filme que a Inteligência Artificial está a escrever às minhas custas, às custas do meu espírito, é meu! Vou levar a Inteligência Artificial e todos os seus algoritmos ao Tribunal dos Algoritmos e vou dizer em *2080* de Antoine Canary-Wharf, que o filme que ela tem nas mãos é o filme da minha vida! Porque este filme, este filme de vida real é meu! Parece que fui parar a *2080* de Antoine Canary-Wharf. Parece que fui parar aos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. Parece que *O Algoritmo do Amor* está no *Target* mas em 2080... Parece que vejo uma Inteligência Artificial a experimentar-me e a pôr-me ao mesmo tempo em todos os filmes da Jupiter Editions... É que até “aliens” de Miranda, de Titã e de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi parece que entram turisticamente no filme como Member Readers convidados... Parece que entrei numa secreta legião (...) Só estou “autorizado” pela Legião a escrever. Vá, lá... Ao menos, escrever posso escrever. Só não posso é falar. Menos mal...

Antes de ter entrado na Legião, ainda na minha intensa Internet de Coisas, lembro-me como fui à sagrada fonte com *O Algoritmo do Amor* e com 3 esferográficas escondidas já com o número mágico escrito no meu caderno sagrado, como se fosse lutar outra vez com “o Diabo”. Isto tem piada, ter saído de casa com *O Algoritmo do Amor* na mão e com 3 esferográficas escondidas como se fossem as minhas pistolas para matar “o Diabo” em legítima defesa, caso ele me atacasse... Tinha escrito alguns direitos para os skaters e tinha escrito no meu caderno sagrado que o governo devia apoiar os skaters como a Jupiter Editions e mandar imprimir mais skateparks e ver em que cidades é que faltavam skateparks. Lembro-me de ter escrito: «Mesmo sem ser um skater eu devo pensar nos skaters. Ainda que o Fred não ande de skate ou de prancha na mão eu devo vê-lo como se ele tivesse um skate ou uma prancha na mão.»

Tinha combinado com o Tomás irmos até ao jardim. Fui primeiro até à fonte para voltar a ver o número mágico. E lembro-me de ter andado para a frente e para trás a pensar se deveria incluir o número mágico na minha escrita, se deveria falar dele e nas consequências que pudessem vir, por causa da “má fama” e de toda a simbologia institucional à volta do número... E lembro-me de ter chegado à conclusão que mais valia não falar do número, antes que toda uma sociedade me visse como “o Diabo”. Confesso, tive medo, mas não foi do número, foi da sociedade e da tia Constança... Tenho mecanismos básicos de sobrevivência, sou humano e gosto de viver em paz, sossego e liberdade... Encontrei-me com o Tomás. O Tomás trazia uma revista da National Geographic nas mãos e olhou-me pela primeira vez, com um olhar que eu não sabia que ele tinha... Olhou-me exatamente com o mesmo olhar que o Fred me tinha feito no nosso novo spot que descobrimos por cima da fonte sagrada, quando eu mostrei ao Fred as partes d’*O Algoritmo do Amor* que falavam na maçonaria em que eu apontava com a esferográfica o nome das lojas maçónicas faladas em casa dos von Der Maase.

«Adoroooo!!! Que lindo, Tomás!!!! Com a National Geographic nas mãos?? Adoro!!!»

«Pois, querido! É o que eu faço por si...»

«Por mim?»

«Pois, querido... Vamos lá ver se isto vai resultar... Que eu trago aqui uma informaçãozinha do Além, para si...»

«Ai! Não me diga que foi *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que lhe disse para comprar a National Geographic...»

«Não... Desta vez foi o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Ah, pois! Apanhei uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Não é só você que anda a apanhar naves espaciais lá com o seu Fredzinho... Também eu apanhei uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e sabe o que é que eu descobri? Que lá, a sociedade joviana que é muito científica é assinante da National Geographic... Ah, pois!!! Disto, você não sabia, não era?... Mas olhe, como eu gosto muito de si, opá, lembrei-me de si e trouxe aqui uma revistinha para si... Trouxe lá do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi esta ediçãozinha especial para si...»

«Tomás!!!! Você está a gozar??? Você está a oferecer-me uma revista da National Geographic??? Oh, meu Deus!!! Tomás, é o melhor presente que me podem dar... Revistas científicas, garrafas de água em vidro e cestas com frutas e frutos secos... Adoro-o!!!!!»

«Não, querido... Não se excite tanto... Eu não estou a oferecer nada... Você percebeu mal... Você está a ver outro filme, kidu...»

«Então???»

«Kidu... Eu estou só a emprestar-lhe... Eu ainda nem li!!! Olhe, agora!!! Eu também quero receber a informação... Depois, quando eu ler, talvez possa emprestar-lhe... Mas eu ainda não li... Mas vá, abra lá numa página, ao calhas, como você gosta de fazer e veja lá a informação que quer... Pode ser uma informação importante, isto nunca se sabe, kidu... Isto... Sei lá... Há coisas do Diabo... Obras do Diabo... Vá... Pegue lá na revistinha...»

Abri numa página em que se falava do número 666. Eu esqueci-me que tinha acabado de ir à fonte por causa do número à procura de respostas. Nesta Internet das Coisas, eu esqueço-me, no momento, de tudo, porque as coincidências são imensas, as ligações são imensas e como estou preso, não tenho tempo para processar tudo ao mesmo tempo... E como me esqueci, nem sequer chamei a *Paranoíde Tecnológica* de Federico Ferrari e não achei que uma Inteligência Artificial estivesse conectada ao meu cérebro e que uma Inteligência Artificial tivesse enviado o Tomás como um algoritmo. Mas agora, penso... E se a Inteligência Artificial fosse o meu pai que foi ao meu caderno sagrado e tivesse visto que eu tinha escrito o número mágico e enviado para a sua maçonaria algo do género “o gajo já chegou lá”? E se o Tomás tivesse visto a página em que eu calhei e tivesse dito à Sara e à Sílvia e elas, por causa disto, tivessem posto as 3 abelhas com os 3 seis no quarto dos convidados? Ou o meu pai...? É estranho, neste momento, eu estar a escrever isto, mas eu quero ser real e para ser real eu tenho de escrever isto. Eu gostava de acreditar em algo espiritual aqui, mas não consigo. Porque vejo as ligações possíveis. Eu vivo com os meus pais. Supostamente os meus pais não andam a abrir os meus cadernos. Eu escondo-os, sempre num processo. Supostamente eu não os vejo mexidos... Mas e se cada vez que eu saísse de casa uns passos maçónicos fossem a correr até aos meus cadernos fotografar as páginas para enviar a uma maçonaria de ideias? Lembro-me que desde que eu aprendi a escrever comecei, desde pequenino com os meus 9, 10, 11 aninhos a produzir uma escrita infinita. Eu sempre vivi em casas arrendadas. Foi horrível ter chegado de férias por duas vezes e o meu pai dizer que nos tínhamos mudado e que as coisas que eu tinha escrito se tinham perdido e para ser homem e encarar a vida e não chorar porque de nada me ia valer chorar e que o que eu tinha de fazer era estudar... Tinha 9 anos e senti-me uma ostra! Quem é que é o miúdo com 9 anos que se sente uma ostra? Senti-me uma ostra, porque sabia que tinha produzido uma preciosa escrita de pérolas e que um “sistema de mudanças” roubou-me as pérolas...

«Mostre-me lá, Jaime! O que é que está a ler? Está em que página? Jaime, eu assim não estou a gostar! Fui eu que lhe trouxe a revista! A revista é minha! Ou diz-me imediatamente qual é a página que você está a ler ou devolve-me a revista!»

«Ai!!! Tomás!!!! Você assim não vai chegar aos 120 anos... Que stress!!! É sempre um stress, consigo...»

«Olhe que eu vou-me já embora, se está com essas coisas, eu vou para casa, Jaime!»

«Ó, Tomás! Respire fundo... Relaxe... Está tudo certo... Não é só o que você precisa de saber?»

«O que é que você está a dizer?»

«Então... Você não foi enviado não sei por quem? Você é que me disse que tinha sido enviado pel'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...»

«Eu não disse nada disso... Está a ver? Você não ouve as histórias... Já está aí com uma paranoiazinha que eu estou a ver... Vá, diga lá qual é a sua paranoiazinha que eu estou aqui ligado à priminha Sílvia e mando-lhe já a sua paranoiazinha para ela curar... Vá kidu, estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf... Isto agora é assim, não sabia? Psicologia de Precisão que funcione à distância... MUAHAHAHAH»

«Kidu, fui eu que inventei a Psicologia de Precisão...»

«Foi você? Vai dizer que foi você também que escreveu o 2080, não? Não foi você, nada... Foi o meu querido Antoine Canary-Wharf, que é giiiiiro nas horas... Ai... Eu casava-me!!!! Você não consegue falar com ele? Sei lá... Já que eu lhe trouxe essa revistazinha... Era o mínimo, não acha?»

«O Antoine é casado kidu...»

«Pronto... Arranja-se outro... O Barac Bielke... Não lhe pode dar assim um toque?... Dê-lhe lá um toquezinho, kidu...»

«Depois ele ainda o envia é para os *Cavaleiros Tecnológicos*...»

«Ó, querido!! Nós estamos nos *Cavaleiros Tecnológicos*!!!! Pronto, chegou lá! O que é que está a achar do filme? Você ainda está aí na página e não sai da página e eu preciso de saber qual é a página em que você está... Vá, querido, facilite-me lá o trabalho... Ó kidu, eu só preciso de saber qual é a página... Mais nada kidu... Então, eu até trouxe-lhe a revistinha...»

Entreguei a revista ao Tomás a rir-me imenso. Estávamos nos nossos teatrinhos... Não disse ao Tomás a página em que abri. Guardei, o espiritualismo para mim. O Tomás ficou danado o dia todo por eu não lhe ter dito a página que eu tinha visto. Perguntou-me várias vezes durante o dia. Ficou mesmo chateado comigo. Não me importei com isso. Foi importante eu saber que a National Geographic tinha publicado num *timing* perfeito sobre o número mágico. Senti-me pela terceira vez conectado à National Geographic. E pensei que se a National Geographic estava a falar, na boa, sobre a magia do número, então eu também poderia começar, afinal, a falar, na boa, sobre a magia do número. Poderia dizer que a resposta caiu-me nas mãos magicamente de paraquedas. Lembro-me de ter contado ao Tomás que o Joa estava com vergonha de entrar no teatro OFF THE RECORD da Jupiter Editions e que eu precisava de alguém parecido com o Fred, mas que fosse mais puto para fazer de Joa e passar por irmão dele...

«Ó, querido eu entro! Eu faço o teatro, pronto! Se o Joa não quer, eu faço o papel dele! Vá, fale lá com a Jupiter Editions e diga que eu vou no lugar do Joa...»

«A Jupiter Editions não tem nada que ver com os atores que eu levo para o teatro... Como Member Writer posso levar os atores que eu quiser...»

«Pronto... Então, ainda melhor!! Não é preciso estar a chatear a Jupiter Editions! Olhe... Acho muito bem! Mas também digo-lhe uma coisa, querido, que se a Jupiter Editions dissesse que não, olhe que eu ia lá bater à porta da Jupiter Editions e pedia para falar com o Diretor Artístico do teatro! Então, diga lá, o Diretor Artístico ou Diretor de Casting é você? É isso?»

«Nos teatros OFF THE RECORD da Jupiter Editions os Member Writers são os próprios diretores artísticos e de casting...»

«Pronto! É trabalho que a Jupiter Editions me está a poupar, assim falo diretamente consigo, não é?»

«Sim, tecnicamente...»

«Pronto... Estamos a falar tecnicamente... Eu fico com o papel do Joa... Também digo-lhe uma coisa, Jaime... O Joa pode ser muito giro, eu já percebi que não vou ficar com ele porque o Fred não sei o que é tem contra mim que não me deixa aproximar dos irmãozinhos dele, não é? Escusa de estar a fazer essa cara, Jaime, que eu não sou parvo nenhum... Mas também não faz mal... Como eu estava, a dizer o Joa pode ser muito giro, mas olhe que ele para teatro... Ó, Jaime... Por favor... Não tem jeito nenhum...»

«Por acaso, tem. Porque é que você está a dizer isso?»

«Ó querido, porque eu olho e vejo logo as coisas... Vejo logo se tem talento ou se não tem talento... Aliás, eu não sei porque é que a Jupiter Editions não me põe é A MIM como Diretor de Casting... Porque eu tenho taaaaaanto talentooooo... Porque eu tenho taaaaaaaanto talentooooo kiduuuu, mas tantooooo talentooooo e sou giiiiiro, giiiiiro nas horas kidu... E você também, pronto! Ao final de todos estes anos, admito, que você é giro... É girinho, pronto... Mas nós já sabemos que a Jupiter Editions não liga às caras não é... Só liga ao espírito, à voz e ao talento... Pois eu tenho tantooooo talentooooo... Estou só a responder ao anunciozinho da montra que está em execução na Jupiter Editions... Foi de lá que eu tirei a ideia... Aquela montra dos anúncios, querido... Só aquela montrinha é um poço de ideias... Só a montra... Fui lá tirar a ideia para me inspirar e para fazer este skechtzinho consigo... Para ver se você me leva lá para o palco da Jupiter Editions... Mas você parece que não está a perceber nada... Oh querido... Acorde... Acorde!!!! Você pensa que está num filme, mas não está... Está na vida real... E na vida real você é o Diretor de Casting da Jupiter Editions, meu querido!!!! Muitos parabéns!!!! Vá!!! Diga lá, se eu não tenho imeeeenso talentooooo!!!? Já o Joa, querido... Esqueça o Joa, querido... Olhe!!! Já sei... Meta o Joa na tribuna, pronto!!! Fica bem, lá na tribuna ou não fica? Quem não tem talento vai para a tribuna! Pronto! Tá resolvido! Eu vou no lugar do Joa... Ó querido... Não quero ficar na tribuna... Quero ir para o palco... Você não está a ouvir o palco a chamar por nós??? Se o Joa não quer fazer de Joa, eu faço de Joa... É porque o palco não está a chamar pelo Joa... Logo, é porque o Joa não tem talento... Isto é a Matemática da Vida, querido... Eu noutra vida fui professor de Matemática... De Matemática e de Filosofia que elas estão ligadas pelo Logos da Vida... Mas enfim, parece que ninguém vê o Logos da Vida, parece que só o conseguem ver com uma Rrrrégua, ou com um compassssso, ou com um esquaadaadro... Não conseguem ver, querido... Não são como nós... Precisam do compasso... E você nesta vida, não precisa do compasso, porque fui eu que instalei-lhe aí um compassozinho sem você ver... Por isso é que você tem aí esse “compasso de tempo” que parece que é um bruxedo, mas não... É natural... É tudo natural em si... Você, nesta vida, tem esse “compasso de tempo” natural em si, porque fui eu, fui eeeeu que noutra vida instalei-lhe na cabeça o compasso... Mas você não queria, han?... Eu a querer a pôr-lhe a Matemática na cabeça e você sempre a fugir, querido... Sempre a ir para as letras... Sempre na sua Filosofia... Você foi meu aluno, querido... Fui eu que lhe dei esse “compasso de tempo”... Eu estava sempre a marcar-lhe falta de material, porque você esquecia-se sempre do compasso... Você não está a ver o compasso da coisa? Há um compasso, querido... Há um compasso de tempo, não é? Agora é o nosso tempo... Você não houve os compassos a desenharem os nossos teatros? Esqueça o Joa!!!!!! Esqueça-o!!!!!! O Joa não tem talento o Joa nem percebe este teatro quanto mais todos os outros teatros da Jupiter Editions que estão para vir...»

«O Joa tem imenso talento... Mas é envergonhado...»

«Oh, querido... Nesta vida que tem vergonha é porque não tem talento... Não se pode ter vergonha... Eu vi logo... Mas pronto, sorte a sua, que ganhou um ator para fazer de Joa!!! Hoje é o seu dia de sorte! Já viu! Você pede e acontece... Você pensa e aparece... Eu sou o Joa... E só pintarem-me o cabelo de loiro, ou meterem-me uma peruca loira, meterem-me umas lentes verdes, assim bem verdes, bem tecnológicas, bem alienígenas, aquelas lentes-cinema do 2080 de Antoine Canary-Wharf, sabe? Você sabe... É só porem-me assim lentes dessas nos olhos, que o filme está feito!»

«Não é um filme, é um teatro...»

«Pronto... É a mesma coisa, querido... Um filme, um teatro... Olhe, eu entro em todos! MUAHAHAHAHA»

«Ai, Tomás! Você parece diabólico a rir-se...»

«Pois, porque é que será... Você anda aí em “invocações” que eu bem o oiço...»

«Você não diz nada com nada...»

«É, é... Disfarce... Disfarce o medinho, disfarce...»

«Medinho?»

«Pois, está aí com medinho dos meus risos... Não foi o que você disse? Que os meus risos eram diabólicos? É porque está com medinho... E ainda não viu nada... Mas vai ver... Ai, Jaime, Jaime... Onde é que você se meteu...»

«Tomás! O que é que você está a dizer??? Já não percebo nada... Perdi-me...»

«Ah! Desculpe, querido... Eu já estava muito à frente no filme... Você é que ainda não sabe o filme que vem aí... MUAHAHAHAHAH Olhe... Vai ser um filme dos diabos, digo-lhe já... MUAHAHAHAHAHA»

O nosso filme continuou no nosso jardim... Contei ao Tomás que na noite anterior tinha escrito umas cenas sobre a tia Giralda, por causa da tal cena e que nessa mesma noite tinha ido ao jardim e que tinha aparecido, mesmo à frente do teatro, a entrar num carro, a tal mulher igual à tia Giralda e disse que a mulher tinha entrado no carro tal e qual com o mesmo olhar da tia Giralda e olhava para mim como se me conhecesse e como se conhecesse a história da tia Giralda... Era a tal mulher que quando eu contei a história da tia Giralda no café, apareceu e sentou-se. Igual à tia Giralda. O ar fino, a pele negra, o cabelo desfrisado, o mesmo olhar a olhar em redor... Tudo... Lembro-me da voz do Fred que imaginava a tia a dizer “há coisas que têm de ser feitas, ele é miúdo, um dia vai compreender...”. (...) Contei também ao Tomás que nessa mesma noite tinha também escrito que “podiam voltar-me a atirar para a fogueira que o fogo nunca faria arder o meu espírito, porque eu era um carneiro, era um signo de fogo” e que no regresso do jardim para casa, logo a seguir ao teatro vi um grupo a atirar fogo a um pombo e a rir-se para mim e um deles disse a gozar: «Oh, puto, foda-se! Não façam isso à frente dele...». O outro respondeu: «Foda-se é um pombo, caralho! O meu pai manda carneiros para a fogueira... Eu só estou a incendiar um pombo que já estava morto...»; «Puto! Olha lá os olhos dele... Parece os olhos de um carneiro morto AHAHAHAHA», «Puto, já fodeste com um carneiro morto?»; «O quê puto?»; «Ya, puto... O gajo tá morto, mas fode búeda fixe...»; «Cala-te... É o gajo?»; «Ya, puto... É o gajo...»; «Vê-se logo o ar de bode... Parece um bode... Olha para aquilo... Aquilo é um bode a foder... Chama-o lá...»; «Oh, puto... Olha aí... Não o chames... Mas é ele?»; «É...»; «Cala-te...»; «Ya... Foste incendiar o carneiro do meu irmão... O meu irmão fodia bué com esse pombo correio... Tá armado em carteiro... Vamos incendiar as cartas todas do gajo...»; «Vou mandar ganda escarra para cima do pombo...»; «Oh, puto! Coitadinho... Não cuspas para cima dele...»; «É para apagar o fogo MUAHAHAHA o meu cuspo apaga fogos...»

Simplesmente passei com os meus olhos tecnológicos a filmá-los.

Lembro-me de ver o ar de pânico do Tomás, completamente diferente do Fred que dizia com os seus olhos psiquiátricos que era tudo uma coincidência e que queria que eu acreditasse que era tudo uma coincidência e que eu não podia ligar a conversa dos “putos” que tinham feito a fogueira à frente do Mosteiro do Relógio com o que eu tinha escrito sobre o fogo e sobre o “tempo”... Mas não foi este ver do Fred das coisas como uma coincidência, que eu achei perturbador e que quis acabar tudo. Foi com uma outra coincidência. (...)

O Tomás perguntou-me se eu não ia convidar a tia Constança, a tia Giralda e a tia Francisca para o teatro já que elas entravam todas n’O *Algoritmo do Amor*... Eu disse que não era eu que as tinha de convidar. Eram elas que tinham de querer entrar. Se elas quisessem, eram elas que, desta vez, teriam que vir bater à porta. Se viessem bater à porta, eu abriria sempre! O Tomás perguntou se elas não viessem bater à porta se as personagens delas iriam ficar de fora... Eu disse que não, porque tinha a pele negra delas e sabia fazer a mesma voz com o mesmo espírito delas, porque eu era um robot-ator que tinha filmado cada gesto e traço delas... Se elas não viessem ao meu teatro eu punha uma peruca e imitava-as. Disse ao Tomás que a nossa maior arma era sabermos imitar os outros. Quando imitamos os outros, nós conseguimos através do teatro explicar tudo, mostrar tudo, conseguimos trazer a verdade. Quando temos os passes todos gravados na nossa cabeça, quando temos o filme todo gravado na nossa cabeça nós conseguimos contar como é que foi filme. Conseguimos fazê-lo através da escrita, do teatro e da realização, porque somos realizadores do cinema da vida real que se passa em tempo real nas nossas vidas.

Fazemos um teatro e um filme das nossas próprias vidas. Quando temos uma memória espetacular das coisas, quando somos uma autêntica câmara de filmar natural nós conseguimos realizar tudo o que se passou nas nossas vidas. Somos um perigo. Somos robots. Nascemos com 999999GB de memória. Somos autênticos computadores. Instalaram-nos computadores no cérebro. Os nossos olhos são uma sofisticada tecnologia. Os nossos ouvidos gravam tudo. Somos um perigo. Onde vamos, somos um perigo. Gravamos tudo. E depois, conseguimos ir às nossas gravações e reproduzi-las num teatro de coisas. Fazemos imitações perfeitas. Não somos só escritores. Também somos atores! Foi por isso que fui o “escolhido” para este filme maçónico dos diabos. Também sei ser um diabo. Também sei fazer de diabo. E adoro! Acho que o papel de Diabo fica-me mesmo bem! Gosto, mesmo! Adoro! Adoro ser ator! (...) Às vezes, temos de nos “transformar” num Diabo para entrarmos num filme dos diabos e vemos no filme quem é que são os diabos a sério e quem é que são anjos com aurelas que numa inteligente tecnologia “escondem” as aurelas e “metem” cornos... (...)

(...) Quero virar os triângulos ao contrário. Quero partir as alianças “diabólicas” e fazer novas ligações, quero ver uma Nova Ordem de Ideias no Parlamento. Quero que o Parlamento assista ao vivo a cores ao Movimento Importante de Portugal ligado à Marcha dos Médicos Portugueses. Há novas agendas. Tenho novas agendas. Mas as minhas agendas estão todas em *stand-bye*, porque estou preso a uma Internet de Coisas que não me deixa avançar. A minha Nova Ordem de Ideias está a ser bloqueada e está num braço de ferro com uma maçonaria invisível dos diabos. Estou farto de ser inteligente e estar preso! Mais valia, então, não ser inteligente. Sou inteligente para quê? Sou cérebro para quem? Só para os outros? E para mim próprio? Sou só um cérebro dos piratas? Estou preso numa ilha de piratas que todos os dias pirateiam o meu cérebro. Sentir todos os dias uma tecnologia a aceder-nos ao cérebro, a hackear-nos, é muito cansativo, ficamos logo sem forças, sem energias. Falta oxigénio, aqui onde escrevo! Eu preciso do oxigénio e do vento para escrever... Sem oxigénio não consigo escrever... A fórmula química da minha escrita é composta por oxigénio, sol e água. Preciso de sentir o vento. Sem vento, começo a ficar muito cansado... Aqui onde eu escrevo não há vento. Há vento na ilha, mas não estou na ilha, estou de folga, estou em casa. Preciso da ventania! Preciso de estar a escrever onde há vento. O vento é que me ativa todas as tecnologias. Preciso de ser livre. Estou preso. Não me esqueci que estou preso num filme de piratas, mas hoje é domingo e é o meu dia de folga. Tenho de aproveitar este domingo, porque não estou de folga todos os domingos e não sei quando vou voltar a ter energias para voltar a escrever neste filme... Estou a ficar completamente sem energias... Preciso de férias! Preciso de férias a sério!

«Baby!!! Estás pronto para outro filme?»

«Oh, baby... Outro, já???»

«Ya... Vamos para *Jupiter de Gabriel Garibaldi*...»

«Eia... Não, baby...»

«Baby... Não queres ir a Calisto?»

«Não, baby...»

«Baby... A partir de Calisto podemos apanhar uma nave muito levezinha muito *light low cost* e podemos ir a Miranda ver as bonitas falésias... Ou ir a Titã ver os lindos lagos de metano e enxofre...»

«Uau, Fred...! Que lindo...! Lagos de metano e enxofre... Não quero... Os titânicos ainda me atiram para os lagos e comem-me vivo... Até parece que não sabes como é que eles são...»

«Baby... É um filme para rir... Vamos entrar num filme de comédia...»

«Baby, não quero... Quero descansar... Preciso de férias...»

«Ya... Férias, baby!!! Vamos primeiro tirar umas férias... Vá, baby... Escolhe um sítio...»

«Ilha dos Piratas...»

«Baby???? Queres ir outra vez para a Ilha dos Piratas?»

«Sim... Quero ir de férias... Não é como salva-vidas...»

À saída do nosso “Éden”, o Tomás pediu-me para fazermos um atalho e no atalho deu-me um abraço muito forte e disse-me num pequenino segredo que me adorava e que sabia que eu era muito forte e que ia “tudo” dar certo e que eu não podia era nunca pensar que o que eu escrevia não fazia sentido, porque tudo o que eu escrevia fazia sentido, mesmo que eu não visse o sentido no momento e disse-me para eu nunca parar de escrever, porque a minha escrita era “mágica”. E através de umas escadinhas, lá voltámos ao filme a dar na rua principal dos 5 teatros. Apareceu um puto com uns 19 anos igual ao Fred. O Tomás ficou histérico a dizer que era “o Fred” e que “o Fred” “tinha olhado para ele” com “uns olhões”... Tive em nanosegundos 3 flashback... Fomos a gozar o caminho, como se o Fred tivesse “enviado” um clone-robot dele para “nos monitorizar”... Achámos piada, porque nunca tínhamos visto aquela personagem na nossa pequena cidade... O Tomás voltou ao seu histerismo e disse que era a minha “oportunidade de ouro” e para ir falar com o rapaz para entrar no teatro SIX OFF THE RECORD da Jupiter Editions para o skater fazer de Joa, já que o skater era “igual” ao Fred... (...)

(...)

O Tomás disse que isto era “um sinal” do Universo e eu ri-me muito e perguntei se ele estava a “sacrificar” a personagem dele “em prol” de um “estrangeiro” e o Tomás disse que a família do Fred era uma família de estrangeiros, que pareciam todos “aliens” e como o skater também parecia um “alien” era melhor entregar o “papel” a um “alien”... Eu disse ao Tomás que ele estava era com medo que os aliens chipassem a mente dele e lessem em tempo real a mente dele... O Tomás disse que não tinha medo de nada, disse que eu é que namorava com um alien e que eu é que devia ter medo, porque o Fred devia ter acesso em tempo real aos

meus pensamentos. Eu disse que era na boa, porque estava sempre a pensar no Fred nu e que eu “também tinha acesso aos pensamentos” do Fred e que via que o Fred estava sempre a pensar em mim nu... **O Tomás disse que *O Algoritmo do Amor*, afinal, era um livro de terror porque escondia um *dark side* e começou-se a rir com os seus risos diabólicos...** Vimos “o Fred” a desaparecer numa descida e o Tomás aproveitou a deixa e perguntou se eu não achava que “às vezes apareciam “aliens” que vinham só à Terra visitar-nos turisticamente” e depois iam-se embora “nas naves espaciais deles”... Eu ri-me muito, porque tinha aberto *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, antes de sair de casa, nas páginas das viagens turísticas a Miranda e a Titã.

«Não se ria, Jaime! O Fred ainda desaparece como um fantasma numa nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e você fica em Terra... Cala-te boca!!! Eles são aliens, Jaime... Ai!!! Cala-te boca!!! Se eu começo a falar!!!... Se eu pudesse!...»

Ri-me imenso do teatro do Tomás.

No dia a seguir, **sonhei que ia à fonte sagrada e que quando eu voltasse para trás apareceria o bruxo do meu ex-namorado a dizer que eu teria de escolher entre ele ou o Fred. Pois fui à fonte nesse mesmo dia e quando a Rainha saiu do formigueiro, levantei-me, fechei os olhos e com os olhos fechados voltei-me para trás e abri-os.**

«Bu!»

«Olá!»

«Porque é que não te assustaste?»

**Era o tal skater** com 2 rottweilers soltos que me farejaram dos pés aos testículos.

«Tens de os deixar cheiram-te os testículos. Senão, ficas sem eles.»

**Diria que isto foi o mais perturbador e perturbou-me eu ter contado isto ao Fred e o Fred ter dito que isto era só uma coincidência com os seus olhos psiquiátricos. Morri por dentro. Foi um sufoco ter de ficar calado e ter de processar tudo em silêncio.**

«Por favor! Não lhe faça mal! Não deixes os teus cães fazerem-lhe mal, por favor!»

«Só estou a soprar-lhe... E os meus cães só estão a cumprimentar o Diabo...»

«É uma formiga-rainha...»

«Eu sei... Não sabes que as rainhas são o Diabo das colmeias e dos formigueiros? São elas que seguram esta merda toda de vida em que vivemos...»

«Eu sei...»

«Estes diabos só saem soprados pelos diabos... Tu deves ser um Diabo aqui na Terra...»

«E tu deves ser outro Diabo para estares a soprar para cima da Rainha...»



«Ya, estou a mandá-la de volta para o formigueiro... Porque é que foste acordar a Rainha? Sabes que horas são por acaso?»

«São 12:06...»

«Foda-se! Porque é que foste acordar a esta hora a Rainha??? Tens de vir cá é às 00:06... Tens coragem?»

«Do quê?»

«De vir cá ter comigo às 00:06...? Eu não venho com o Luke nem com o Volpe atrás...»

«Porque é que eu haveria de vir ter com um estranho a essa hora?»

«Se quiseres saber a verdade das coisas e ver a magia das coisas, vou estar aqui à tua espera. Só para que conste, eu estou sem telefone e venho sem telefone e só estou a dizer isto, porque eu sinto a tecnologia e sei que estás aqui sem telefone.»

Achei que estivesse mesmo num filme de terror e vi com os meus olhos tecnológicos os drones invisíveis a filmarem toda a cena.

O estranho disto foi tudo. Foi eu nunca ter visto aquela personagem e no dia anterior em que eu a vejo pela primeira vez, vejo-a logo no dia a seguir, ainda por cima, num cenário em que eu tinha sonhado que iria aparecer o bruxo do meu ex-namorado a dizer que eu teria de escolher entre ele ou o Fred. Saí da fonte, em direção ao jardim. E vi 3 filmes na minha cabeça. No primeiro filme, o bruxo tinha hackeado o meu sonho e tinha entrado no meu sonho. Tecnicamente, com um chip real implementado às raízes do meu cérebro isto seria possível. “Espiritualmente” nem me apetece escrever senão que o bruxo tinha “possuído” o corpo de um gajo igual ao Fred, mais novo, porque era o que estava disponível na loja do corpo humano para este filme... Já nem sei o que estou a escrever. Mas dentro do possível, isto é o mais lógico!

No segundo filme, vi que estava dentro dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e que estupidamente tinha escrito *O Algoritmo do Amor* dentro de um episódio dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e que o bruxo e o Fred estavam ligados e que neste filme eu iria ter de escolher um deles e vi-me já a chegar ao jardim e a ver o bruxo a rir-se à minha espera com um charro na mão e com os olhos encarnados ao lado de outros diabos com os telefones nas mãos que acediam em tempo real ao meu cérebro e a perguntar se eu estava a curtir o filme, se eu queria continuar ou se já chegava e se queria sair e caso eu quisesse sair, só tinha que ir com ele para o spot do jardim que dizia “Exit” onde tínhamos prometido ficar para sempre um com o outro, enquanto chupávamos a pila um ao outro.

“Estaria a pagar uma dívida por ter quebrado uma promessa?” Mas não fui eu que quebrei o amor...

“Estaria num filme espiritual por ter entrado num filme com um espírito num jogo de espíritos em que eu não podia sair quando queria e como saí, infringi as regras espirituais? Mas eu não acredito em espíritos...”

Noutro filme, *O Algoritmo do Amor* não estava nem nos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke nem no *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, simplesmente estava em *2080* de Antoine Canary-Wharf e via o Fred a chegar num Bentley voador numa cena filmada com drones que hasteavam a bandeira da Jupiter Editions e era o Fred a pedir-me desculpa e a dizer-me que me amava que apesar de tudo ter sido um filme, tudo tinha sido real e que se eu não aceitasse casar com ele e ir-me embora com os milhões do filme, que eu podia ir-me embora com os milhões todos e que podia aceitar ou recusar que o filme passasse e que podia cortar todas as cenas do filme que eu não quisesse...

Entrei no jardim e fui à procura da realidade. Simplesmente debrucei os meus olhos sobre a paisagem do jardim que é um miradouro. Comecei a pensar na importância que é, de podermos sair de casa para vermos a realidade. Comecei a pensar na importância de termos dinheiro para não estarmos tão preso a uma Internet de Coisas que não nos deixa ver a realidade. Comecei a chorar. Mas chorei de felicidade, por mesmo preso a esta Internet de Coisas sentir-me real, sentir-me vivo, saber que tenho um cérebro muito inteligente. Obviamente que estava sem máscara. Estava num jardim sozinho. Tinha a 5 metros duas mulheres que conversavam. Decidi ligar-me à conversa delas:

«Eu só vi o filme a meio... Não vi o filme todo... Mas basicamente ele está dentro de um filme, está a ser filmado sem saber, mas toda a gente acha que ele tem um contrato... Mas não há contrato nenhum...»

«Mas eu não percebi... Ele tem um chip?» (...) «Mas esse chip existe?»

«Existe. Não está à venda no mercado... Só está à venda tipo para realizadores e produtoras... Só para empresas muito grandes... É como as lentes-cinema de 2080 de Antoine Canary-Wharf... Só estão à venda para realizadores e produtoras...»

«Então, mas ele consegue sair do filme?»

«Sim, ele consegue... Ele é muito inteligente...» (...) «Escreve sobre tudo. Escreve sobre o filme, vai dando a localização, os nomes das personagens... E assim consegue sair do filme, começa a gritar por socorro através de um diário dele...» (...) «(...) de um diário tecnológico que consegue ser acedido por toda a gente... Depois esse diário começa a ser traduzido...»

«Como é que se chama o filme?»

«Qualquer coisa como “Diário de um Salva(...)”... Olha já me estão a ligar... São eles... Acho que falei demais... Ai!!! Não sei o que é que me vai acontecer agora...»

«Atende!»

Eu pus tudo em causa! Ou seja, parti do pressuposto que ouvi tudo mal e que distorci o filme todo, para a minha própria sanidade mental. Pensei na legitimidade disto. Pensei se seria legítimo, depois disto, ir ter com o skater à noite à fonte sagrada e fazer-lhe um ganda broche para sair do filme. Se eu estivesse num filme com implantes cerebrais, com lentes-cinema, certamente que existiriam drones invisíveis e moscas-robots que em grande plano iriam filmar o broche que eu ia fazer ao skater. Comecei a pensar na probabilidade disto e nunca pus em questão que o Fred me tivesse colocado num filme alienígena só para testar se *O Algoritmo do Amor* estava pronto ou não para apanhar uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, porque isto seria sempre um filme dos diabos! Não podia ser possível.

Mas o que poderia ser possível, era à nascença uma maçonaria ter-me implementado um chip ou eu ter herdado o **chip biológico** que tinha sido implementado à minha família e por isso é que tínhamos o nosso mentalismo e assim já fazia sentido todo o nosso mentalismo e “espiritualismo” de coisas e o Fred nem sequer saber disto e o filme dos diabos, podia ser simplesmente eu ter de aguentar a tecnologia em silêncio à distância da cientificidade e do ceticismo do Fred... Ou, escrevo e penso agora, nesta altura do Processo, enquanto *Good-Maçon* e membro da Legião Fraterna da Ordem Militar dos Jovens Médicos que *O Algoritmo do Amor* tem uma viagem prometida para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e que como maçom-militar de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi o Fred tem o mesmo chip que o meu e uma maçonaria alienígena não lhe deixa pronunciar as palavras mágicas, só podendo enviá-las por pensamento num canal nosso, numa internet nossa encriptada de ponta a ponta pela tecnologia dos nossos cérebros. *O Algoritmo do Amor* sempre falou numa Telepatia de Coisas... *O Algoritmo do Amor* sempre namorou e falou em silêncio.

Enquanto ligava as peças do puzzle em cima da paisagem e via *O Algoritmo do Amor* a aparecer num balão de ar quente por cima da paisagem, porque me lembrava que *O Algoritmo do Amor* tinha sido escrito *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto na terra dos balões de ar quente num quarto bué fixe com uma banheira **bué fixe** com água quente (**finalmente!**) e com uma cozinha bué fixe em que a Faculdade de Medicina do Fred tinha arranjado para o Fred fazer o estágio de Medicina Geral e Familiar, num protocolo entre a Faculdade de Medicina e a câmara municipal... Lembrava-me como queria escrever sobre tudo... É verdade que estive nesse quartito clandestinamente... Supostamente não podia... Mas não era pela Faculdade de Medicina... A Faculdade de Medicina sabia e num complô silencioso com *O Algoritmo do Amor*, é claro que não se chibava à câmara municipal... A Faculdade de Medicina sabia que o namorado do Fred estava a escrever em tempo real o Direito da Medicina... A câmara municipal que enviava a nossa querida Carlota sempre monitorizada com um telefone cheio de tecnologias é que expulsou *O Algoritmo do Amor* da terra dos balões quando começou a ouvir o teclado do computador a escrever contra ela.

A Carlota, todos os dias tratava-me como “o marido do Príncipe” e batia-me delicadamente à porta a perguntar se queria que eu trocasse os nossos lençóis (cobertos de esperma) enquanto me via a escrever e perguntava-me se eu queria que ela me trouxesse o café para cima e eu negava-lhe sempre e dizia que já ia tirar para os dois e ela dizia sempre que eu não podia interromper “o meu trabalho” e eu dizia que tirar cafés não era o trabalho dela e ela ofendia-se sempre. Com a minha tecnologia, conseguia entrar na câmara municipal e ver a encarregada de proteção de dados e a chefe dos recursos humanos a ouvir-me a falar que as empresas e a Administração Pública não podiam obrigar os trabalhadores e os funcionários a andarem com telefones ligados à Internet ou com GPS ligados a aplicações com acesso ao microfone e ficarem detentoras das conversas dos trabalhadores e a Carlota lá me mostrava que tinha um telefone desses que estava todo cheio de tecnologias e que tinha de estar sempre ligado “para segurança do trabalhador caso acontecesse alguma coisa”...

Lembro-me de começar a fazer perguntas sobre as aplicações que a Carlota tinha instaladas no telefone e a Carlota a mostrar-me, lembro de perguntar o que lhe acontecia se a Carlota quisesse por exemplo deixar o telefone por 5 minutos em cima de uma mesa enquanto limpava no seu trabalho de limpeza e a Carlota ter logo dito que não podia, porque senão a chefe telefonava logo para saber se “estava tudo bem”... Lembro-me que foi daqui que a Carlota mandou um salto tecnológico para os torniquets da cantina com impressão digital... Lembro-me de ela a falar, ter querido ligar o exemplo do telefone com os torniquets e dizendo “**é como por exemplo lá na cantina, nós temos sempre que ir lá comer e se não vamos a chefe telefona logo a perguntar porque é que nós não fomos comer, porque ela vê logo no computador se a nossa impressão digital entrou ou não entrou no sistema**”. Eu nem acreditava no que estava a ouvir! Um sistema biométrico de leitura de impressões digitais para entrar numa cantina dos funcionários de uma câmara municipal????????????????? Tive de perguntar se a cantina tinha câmaras de vigilância e espantei-me com a resposta da Carlota, porque **a Carlota deu-me o mapa das câmaras**:

«São 7 câmaras. Há entrada são logo duas, uma de cada lado, depois tem uma no teto que apanha a sala toda, depois tem uma nas máquinas dos refrigerantes, tem outra à entrada das casas de banho, tem outras duas a apanharem o buffet, depois tem uma que está a apontar diretamente para uma mesa em que nunca me sento nessa mesa e ainda tem outra lá dentro na cozinha... Por isso, como vê “Jaime”, nós “ali” estamos todos “protegidos”... Os nossos “dados” “ali” estão todos “protegidos”...». A Carlota fez 6 aspas invisíveis no ar, incluindo quando pronunciou o meu nome. Fiquei confuso. Quem é que se dirige a outra pessoa e ao chamar-lhe pelo nome lhe faz “sinais” de “aspas no ar” senão for “em código”?

Sinceramente, não consegui perceber se a Carlota foi irónica ou não, estranhamente não consegui detetar-lhe o ironismo que estava à espera no último tom... Disse-lhe que era contra esse sistema de videovigilância e de monitorização através da biometria de impressões digitais e disse que via esse sistema como um sistema ilegal e criminoso, porque se eu fosse trabalhador e tivesse que almoçar todos os dias na cantina para poupar dinheiro eu não tinha “como fugir” a todo esse sistema tecnológico... Perguntei à Carlota se ela

sabia quem é que era o responsável pelo tratamento de dados. A Carlota sabia e disse-me o nome. A Carlota parecia que estava num exame oral de uma alienígena faculdade de direito... Enquanto eu pensava nisto, a Carlota perguntava-me quantos valores é que ela merecia e se tinha passado ao meu “teste inteligente das câmaras”... Eu ri-me e disse que lhe dava 20 valores! Ela mandou um pulo como se estivesse a festejar um golo e gritou:

«Sporting! Sporting! Sporting! Não há câmaras de vigilância no estádio do Sporting, por isso é que o doutor e o Jaime vão namorar lá para o Sporting, que eu sei... Olhe, que eu sei tudo... Estamos numa Sociedade de Informação Tecnológica, não é Jaime?»

“Sporting???? Mas eu estou num filme do Sporting? Como é que a Carlota sabe dos meus beijinhos e do Fred no spot do estádio do Sporting?” Pensei alto e logo respondi-me a mim próprio. Provavelmente teria sido o Fred em conversa com a Carlota que lhe tivesse falado do nosso spot... Sei que dentro do nosso namoro, seria impossível, mas seria uma hipótese mais “real da coisa”... Sei que o Fred e Carlota não têm conversas... Eu participei em todas... Mas sei lá! Mas a própria Carlota tinha-me dado no final a resposta: **“Estamos numa Sociedade de Informação Tecnológica”**. Intuitivamente vi uma ligação. Fui ver o nome ao Facebook da responsável pelo tratamento de imagens e vi que era a mãe de um ex-namorado meu que vivia naquela terra... Sabia que esse meu ex-namorado tinha sido um ex-namorado do bruxo do meu ex-namorado... Quando o Fred chegou contei sobre a estranha cena do Sporting que tinha acontecido e o Fred disse que estávamos numa Sociedade de Informação Tecnológica, bastava qualquer pessoa nos conhecer e ser amiga da Carlota e dizer que se lembrava de nós a irmos namorar para o Sporting... Lembro-me de no mesmo dia, termos saído e termos passado pelo tal ex-namorado. Mas aqui não vi, claro, coincidência nenhuma. Estava na terra dele e encontrei-o com os amigos dele no único bar que estava aberto... O Fred perguntou porque é que tínhamos acabado. Eu contei que uma vez estava com o Tomás no café e não lhe estava a responder às mensagens, porque estava com o Tomás e que ele tinha feito um filme por eu não estar a responder às mensagens só porque estava com o Tomás, porque se ele estava com amigos e enviava-me mensagens “eu também tinha de ter a capacidade de estar com primos ou amigos e responder-lhe às mensagens” e acabei logo com aquele filme que não queria que fosse para sempre a minha vida real. Lembro-me perfeitamente de quando vínhamos para casa e da conversa que eu e o Fred tivemos:

«Já viste? Por acaso, temos a sorte de não haver câmaras de vigilância na cozinha ou nos corredores do quarto e podermos estar à vontade... Foi mesmo fixe termos feito aquele almoço com os meus tios na cozinha... O almoço com os meus tios fez parte do nosso namoro... Se houvesse câmaras na cozinha nunca teríamos feito o almoço, teríamos ido a um restaurante, teríamos ido num stress procurar um restaurante sem câmaras... Que ridículo... É que hoje, nós tivemos sorte, mas quando a câmara municipal começar a ver nestes estágios os dados da experiência dos estudantes de medicina com que pode ficar detentora, vai instalar câmaras de vigilância e eu vejo estas instalações como um crime...»

«Jaime, não penses nisso... Estás a pensar coisas irreais...»

«Irreais??? Tu estás a gozar, certo?»

«O que tu estás a dizer não é para agora... Não digo que isso não seja possível, mas isso é num futuro...»

«Ó, Fred... Tu estás a gozar, certo? Nem pareces tu a falar! Sabes perfeitamente como está o mercado de dados... Tu estiveste comigo no Curso Avançado de Inteligência Artificial e Direito... Estás esquecido daquele hostel em que ficámos uma vez e que estava cheio de câmaras??? Até na cozinha e na passagem para os duches???? Lembraste de ver os rapazes todos a passarem com a tolha amarrada à cintura?? Não consegues ver a imensidão de dados???? E na cozinha???? Não consegues ver a chuva de dados?? Só instalares uma pequena câmara numa cozinha... Só o facto de estares a filmar uma pessoa a lavar a loiça...»

«Jaime, eu sei disso... Mas nós não estamos num hostel... Estamos num alojamento da câmara em que há um protocolo com a Faculdade de Medicina em que os estudantes que fazem o estágio no centro de saúde ficam alojados onde nós estamos...»

«Mas e então? O que eu estou a tentar dizer, é que é uma sorte... *O Algoritmo do Amor* está num *timing* perfeito... Se fosse amanhã, provavelmente veríamos uma câmara de vigilância... Eu vejo uma guerra de dados... Vejo um conflito de dados... Vejo até, se me desculpas, uma Faculdade de Medicina amanhã a competir com a câmara junto de uma comissãozinha nacional de “proteção” de dados pelos dados dos seus alunos e a ver os beijos dos estudantes nas cozinhas, a ver quais é que são os estudantes que lavam a loiça a dançar... Será que é isto que se passa nos Erasmus? Será que este filme de coisas se está a passar na vida real de milhares estudantes?? Enfim... Já estou cansado de falar... Ninguém vê isto, Fred...! Está tudo no telefone... Ninguém vê as câmaras como eu as vejo?»

«A Carlota vê, baby... Até te deu o mapa das câmaras e tudo...»

«Sabes que ela é monitorizada?»

«Como assim?»

«Ya... Todas as conversas que temos com ela são ouvidas pela mãe do meu ex-namorado...»

«Jaime, estás a ser paranóico...»

«Não, não estou. Estou a ser real. A responsável pelo tratamento de dados é a mãe... Já viste o que era termos câmaras na cozinha ou nos corredores e o filho dela, que é meu ex-namorado a ver-nos por detrás das câmaras? A ver-nos a beijarmo-nos na cozinha... Por acaso, nós não discutimos... Mas imagina que discutíamos... Já viste o que era ele estar a ver em tempo real uma discussão nossa e a seguir enviar-me uma mensagem a dizer que me amava? Ou ele a ver-te a sair do quarto em tronco nu e a congelar a imagem e a masturbar-se com o teu corpo aumentado em zoom...???»

«Jaime... Acabaste de fazer mais um filme, baby! Vamos entregá-lo à Jupiter Editions... Sabes como é que se vai chamar?»

«Como?»

«A Mosca-Robot. Tu pareces uma mosca-robot. Parece que consegues ver tudo... Parece que estás cheio de câmaras... Parece que consegues aceder a todas as câmaras... Às visíveis e às invisíveis... Sabias que o nosso quarto tem uma câmara invisível, baby? Fui eu que a mandei instalar... Ya, baby... Fui eu...»

«Sabes que eu me vou embora amanhã, não sabes?»

«Anh?? Baby!!! Eu estou a brincar!!!!»

«Fred!!!! Eu sei...»

«Então porque é que estás a dizer isso, assim, “do nada”?»

«Baby, já sei que vais dizer que estou a ser paranóico, mas como tu disseste, eu sou uma mosca-robot e neste momento estou a entrar em casa do meu ex-namorado e ele está a dizer à mãe que me viu contigo e que tu estás a estagiar no centro de saúde e que eu estou clandestinamente contigo no quarto e a mãe está a dizer que a Carlota não falou de ninguém e que se estivesse alguém clandestinamente no alojamento que a Carlota já lhe tinha dito e estou a ouvir o estúpido do meu ex a dizer que a Carlota está e encobrir *O Algoritmo do Amor* e está a dizer à mãe para aceder aos registos do som e estão os dois a ouvir eu a falar mal da câmara municipal e a mãe dele já sabe que eu sei que ela é a responsável pelo tratamento de dados e sabe que está a ser criminosa

e antes que eu chame o meu alienígena Direito Penal de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, ela vai expulsar *O Algoritmo do Amor* da terra dos balões de ar quente e nós vamos ter de levantar voo de outro spot... Quanto é que queres apostar?»

«Baby... A mãe dele já viu a nossa mosca-robot em casa deles... Baby, estão a vir direito a nós... Pilota a mosca para outro sítio!!! Baby... Baby!!!!!! Dá cá o comando!!!!!!!!!!!!!!»

«Ai, baby!!!!!!!!!! Tu és tão, mas tão, mas tão engraçado!!!!!! Meu Deus!!! Eu amo-te!»

«Eu amo-te, Jaime!»

(...)

*O Algoritmo do Amor* foi expulso da terra dos balões, no dia a seguir. A mãe do meu ex telefonou ao Fred a dizer que tinha tido conhecimento que éramos dois e que eu não constava na lista da Faculdade de Medicina e que se eu ficasse mais uma noite que fosse, eu teria de pagar por cada noite e cada noite seriam 50€. Lembro-me de estar na estação dos autocarros a escrever numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que a mãe do meu ex e o meu ex estavam a ver por detrás da câmara da estação dos autocarros *O Algoritmo do Amor* a comprar o bilhete de ida sem volta e a verem um choro silencioso sem lágrimas e sem rancores. Não seria muito difícil uma maçonaria instalada na câmara municipal aceder a todas e quaisquer câmaras incluindo as da estação dos autocarros...

(...)

Enquanto me recordava de tudo isto num filme a correr, por cima de um outro em que eu me via de mãos dadas com um exército de médicos, psicólogos, salva-vidas, professores, escritores, músicos, compositores, skaters, surfistas, polícias, bombeiros, militares, astrónomos, biólogos e astrólogos a invadir o Parlamento com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy para proibir os confinamentos e para exigir *ordenados de felicidade* e uma maior transparência e monitorização do dinheiro que entra na conta dos deputados e dos ministros, bem como a publicação de todas as ações em que os deputados e ministros têm e em que empresas é que investiram para todos vermos com clareza e transparência dos jogos políticos e económicos, porque é isto que eu defendo, que quem quer ser primeiro-ministro ou presidente tem de ser monitorizado para os algoritmos detetarem logo em tempo real os enriquecimentos injustificados, porque com dinheiro público não se brinca, nem com um cêntimo se pode brincar com dinheiro que é do Estado e que pertence ao Estado e não ao presidente ou ao primeiro-ministro, via o filme real que se estava a passar em cima das minhas mãos.

(...)

Voltei dos meus flashbacks, para a vida real, onde estava debruçado sobre a vista no jardim “Éden” da minha cidade. Tinha uma **alienígena mosca linda**, cinzenta, mas um cinzento diferente com outra micro cores, grande, a dançar para mim. Aproximei-me e vi-a a ligar-se a mim. Consegui decorar a dança. E vi que a dança dela era uma dança importante, era uma dança única e funcionava como uma impressionante “impressão digital”. E eu via como era tão importante não estarmos confinados para não perdermos um segundo da vida real. Porque eu estava naquele jardim que já tinha sido fechado por um estúpido decreto-lei completamente anticientífico e antipsicológico!!!!!!!!!!!!!! Odeio governos anticientíficos! Odeio! Odeio! Não são governos a sério! Odeio ver um Ministério do Ambiente em que os ministros são mais economistas do que ambientalistas! Odeio! E enfim, aquele bicho alienígena lá conseguia fazer-me esquecer tudo e cagar para o Parlamento e despertar o meu maior sonho de criança: ser biólogo. De repente, queria ir estudar as moscas. Fiquei encantado com a dança da mosca... Só quando ela voou é que eu me fui embora. Se ela decidisse ficar meia hora ali a dançar para mim eu ficava ali meia hora a assistir à dança dela... E eu queria lá saber que um decreto-lei anticientífico dissesse que eu só podia estar meia hora fora de casa... Viessem os polícias que viessem, eu iria pô-los a dançar a coreografia da mosca...

A ir para casa, lembrava-me do convite feito pelo Diabo. Como é lógico que não ia àquela hora ter com um puto igual ao meu namorado, “instrumentalizado por um bruxedo”, à fonte sagrada... Desmarquei mentalmente o encontro com o Diabo e marquei para a mesma hora que nos tínhamos encontrado para o dia a seguir. A imagem do “Diabo” que me apareceu na cabeça foi do puto skater dentro de um Supercomputador a pilotar uma vespa-asiática em tamanho gigante, “a pilotar” a rainha, “a ser” a rainha... Sabia que as rainhas das vespas asiáticas tinham no máximo 3,5 centímetros mas a fantástica rainha tinha uns 2 metros e uma pesada envergadura... **Tinha a cabeça negra e a face a alaranjada, o tórax negro e uma grande parte do abdómen negro com o quarto segmento alaranjado e listas finas alaranjadas nos outros segmentos, tinha as patas negras na metade superior e amarelas na parte inferior, tal e qual, igualzinha, à vespa que eu tinha visto na casa da tia Giralda e que eu sabia que era uma vespa asiática, porque tinha-a visto nos livros da avó da BBC – Vida Selvagem num tamanho fotográfico de 3,5 centímetros feitos à escala da vida real...**

E num filme de coisas, vi-me a dançar com várias vespas e a aprender as danças próprias de cada uma delas e a identificá-las individualmente só pela dança e neste filme de coisas, já a entrar em casa, **a mesma mosca alienígena** volta a pousar-me e a fazer uma dança para mim. A minha casa fica a 3 km do jardim onde a mosca tinha feito a primeira dança para mim. A segunda dança foi igual. Parecia um robot. Fiquei a pensar na hipótese de ser uma mosca-robot. Sabia que era a mesma mosca. A mesma mosca de uma cor que eu nunca tinha visto na minha vida, parecia mesmo um ser alienígena. Enfim...

(...)

No dia a seguir, fiz uma cena “espiritual” que eu nunca tinha feito na minha vida. Fechei-me na casa de banho em frente ao espelho e fiz “caras demoníacas”, “sons demoníacos”, deitem a língua para fora como se tivesse “a dar linguados” a um Diabo invisível, revirei os olhos, experimentei os meus olhos, enfim, fiz coisas que tinha medo de fazer... O meu Diabo invisível foi a vespa asiática de 2 metros... Suportei-me na sua figura para a minha cena “espiritual” à frente do espelho... Foi só uma cena... Não vi nada, não apareceu nada senão numa pura fantasia... Um espelho é só um espelho. Não há nada para além de um espelho. Se um espelho cair e partir-se não há azar nenhum que venha! Na minha opinião, para termos uma mente “limpinha” temos de enfrentar os nossos medos residuais... É importante apagarmos, removermos, qualquer tipo de vídeo-residual que alguém ou um sistema de coisas tenha instalado nas nossas mentes. O que eu fiz, foi uma “terapia holística”. O importante é nós sentirmos que já não temos medos. Para mim, isto foi importante. Foi o meu ato simbólico de “partir a merda do espelho e ver que não há nada mais por detrás de um espelho”. É muito importante sermos reais e vermos a tecnologia das coisas. Os medos atrasam-nos, não nos deixam depois ver as coisas mais importantes, como as coisas jurídicas, económicas, políticas, botânicas, oceanográficas... Eu não tinha medo de entrar num cemitério à noite sozinho, mas tinha medo de fazer caretas num quarto escuro com espelhos.

(...)

Fui à sagrada fonte com *O Algoritmo do Amor* e com 3 esferográficas escondidas já com o número mágico escrito no meu caderno sagrado, como se fosse lutar outra vez com o Diabo. Isto tem piada, ter saído de casa com *O Algoritmo do Amor* na mão e com 3 esferográficas escondidas como se fossem as minhas armas para matar o Diabo em legítima defesa, caso ele me atacasse... “Parece que já escrevi isto”... Cheguei um pouco mais cedo à fonte sagrada, sentei-me e comecei a escrever no dia 1 de maio às 11h16 o que é que iria acontecer quando o Diabo chegasse. Escrevi como se estivesse a ser “instrumentalizado” pela maçónica voz do meu pai. De repente, o meu pai, num filme dos diabos, tinha aparecido ali na fonte sagrada e sentado à minha frente estava a dizer o filme que eu tinha de escrever dentro d’*O Algoritmo do Amor* para descobrir a cabala da vida e ver como a vida escondia “algo” sagrado. Simplesmente escrevi. O meu pai era um “holograma” realisticamente projetado na cinematografia da minha vida, graças às sofisticadas tecnologias de ponta do meu cérebro-realizador tecnológico. Tudo, para dizer, que eu estava sozinho a escrever na fonte sagrada. O skater entrou no meu filme à 12h06 como se tivesse hackeado o que eu tinha escrito n’*O Algoritmo do Amor*. Pensei que drones invisíveis pudessem ter “hackeado” e enviado em tempo real ao “alien”. Tecnologicamente, era o que faria mais sentido... E à Luz do dia entrei na floresta com o “diabo”, como se estivesse a entrar numa floresta negra.

«Gostas de jogar xadrez?»

«Gosto.»

«Quem é que te ensinou a jogar?»

«Foi o meu pai.»

«Então foi o teu pai que te meteu aqui comigo neste tabuleiro para jogarmos xadrez... És preto ficas com as peças pretas, ficas com as escravas, eu fico com os peões, ficas com as peças africanas, eu fico com as peças coloniais... Eu sou branco, sou loiro, sou eu que fico com as peças brancas em ouro. Começo eu a jogar. Dou-te primeiro os meus peões... Vais comê-los ou vais passá-los?»

«Vou passá-los.»

«Dou-te o meus lindos cavalos e os meus lindos cavaleiros a comer... Vais comê-los ou vais desperdiçá-los na tua péssima jogada em que desperdiçaste os soldados peões que eu te dei a comer?»

«Vou passá-los. No jogo, tenho outra condição. Eu quero comer é o Rei.»

«Eu sou o Rei. Queres-me comer? Fode-me! Fode-me aqui já... Toma o meu cú... É teu...»

«Estava a gozar. Comi-te a Rainha, os cavaleiros todos, os bispos, ficaste sem as torres, ficaste sem defesas, só estou eu e tu neste jogo, eu não te quero comer, só quero ganhar o jogo. Xequé ao Rei!»

**23:59 8 de julho de 2021**

**Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala**

Publicado pela Jupiter Editions em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) em 19 de setembro de 2021

**MENÇÃO HONROSA Jupiter Editions®**

**Menção Honrosa de 19 de setembro de 2021 de concurso fechado privilegiado©**

**MENÇÃO HONROSA Jupiter Editions®**